



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

As contribuições de João Köpke para a educação e a literatura infantil brasileiras no século XIX, através do manuscrito *Versos para os pequeninos*

Morgana de Medeiros Farias

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba
morgananp14@hotmail.com

Daniela Maria Segabinazi

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba
dani.segabinazi@gmail.com

RESUMO

O século XIX, no Brasil, teve como marco importante a Proclamação da República, que trouxe descobertas e inovações para o período. Nesse contexto, a modernização educacional brasileira adotou elementos importados da Europa e dos Estados Unidos para atuarem na política escolar do novo regime. A prática pedagógica de João Köpke se fez presente nesse momento, configurando um trabalho intenso que buscava novas formas de ensinar a ler e a escrever através, sobretudo, do método analítico. Nesse entremeio, ele ainda escreveu literatura para crianças sem o caráter moralizante da época, o que aconteceu no seu manuscrito, que sequer foi editado, *Versos para os pequeninos*, produzido entre 1886 e 1897. Assim, objetivamos discorrer sobre as contribuições de Köpke tanto no cenário educacional, quanto no literário, observando sua importância nessas duas searas e realizando paralelos entre elas. Para isso, nos valem de autores como Panizzolo (2006), Mortatti (2015) e Ferreira (2017).

Palavras-chave: João Köpke; Educação Brasileira; Literatura Infantil



João Köpke's contributions to Brazilian education and children's literature in the 19th century, through the versos manuscript for *The little ones*

ABSTRACT

Abstract: The 19th century, in Brazil, had as an important milestone the Proclamation of the Republic, which brought discoveries and innovations for the period. In this context, Brazilian educational modernization adopted elements imported from Europe and the United States to act in the school policy of the new regime. João Köpke's pedagogical practice was present at that time, configuring intense work that sought new ways to teach to read and write through, above all, the analytical method. In this midst, he even wrote literature for children without the moralizing character of the time, what happened in his manuscript, which was not even edited, Verses for the little ones, produced between 1886 and 1897. Thus, we aim to discuss Köpke's contributions both in the educational scenario, as in literary, observing its importance in these two gardens and performing parallels between them. For this, we are used by authors such as Panizzolo (2006), Mortatti (2015) and Ferreira (2017).

Keywords: João Köpke; Brazilian Education; Children's Literature.



Considerações iniciais

Pensar em uma nova forma de fazer educação era uma demanda do Brasil republicano, particularmente, no período que compreendeu a Primeira República, entre os anos de 1889 e 1930. O ensino, para além das competências relacionadas a ler e escrever, no entanto, era para poucos, visto que o povo tinha sua instrução restrita aos espaços fabris e à zona rural. Foi com a adoção do federalismo, que consistia na divisão do poder entre o presidente e os estados, que a responsabilidade pela educação básica foi descentralizada.

Contrariando o ensino jesuítico, que ainda se mostrava presente, as visões do progresso, do enaltecimento do país, fortaleceram-se; e, tiveram no âmbito escolar aliados na propagação desses valores, já que muitos educadores abraçaram a causa republicana e partiram para as salas de aula visando disseminá-la entre os discentes que a frequentavam. Nesse contexto surge a Escola Nova, um movimento de vanguarda oposto aos tradicionalismos vigentes.

Nesse ínterim, João Köpke se destacava como professor, mestre e diretor de colégios criados por ele próprio. Para Ferreira (2017), sua imagem como educador não poderia ser dissociada da de escritor de livros escolares, pois as duas figuras se misturam quando se pensa no público leitor. Köpke defendia o ensino de língua materna com base nas novas orientações pedagógicas da época, o que lhe conferiu prestígio entre os seus pares.

De acordo com Panizzolo (2006), as obras do referido autor buscavam conciliar os propósitos de instruir e educar, fazendo parte de um projeto para formar a consciência, civilizar os pequenos, motivo pelo qual se tornou importante para o Brasil república. À medida em que ele pensava nas crianças como educandas, pensava também como leitores de literatura, de prosa e poesia, tanto que se dedicou a escrever livros dessa natureza para esse público.

No âmbito da literatura infantil, Köpke observou os ideais que permeavam o momento pelo qual atravessava o país, mas também pensou na infância como uma fase de brincadeira, de perallice e até de desobediência, como veremos na seção sobre o manuscrito *Versos para os pequeninos*. Nesse recorte temporal, podemos citar autores como Olavo Bilac, Zalina Rolim, Francisca Júlia, Prescilliana Duarte de Almeida, dentre outros que enalteciam a figura da pátria, do bom comportamento, da educação, em consonância com o ideário da época.

Diante do exposto, discorreremos acerca da trajetória de João Köpke como educador, assim como escritor de literatura para crianças, destacando a ligação que há entre essas duas atuações, bem como os procedimentos, as execuções dos seus projetos e as temáticas abordadas nos seus escritos, sob a tutela de uma ideologia presente e disseminada no seu contexto de produção e circulação de suas obras.

A trajetória de Köpke como educador no Brasil

João Köpke nasceu em 27 de novembro de 1852, em Petrópolis, e faleceu em 28 de julho de 1926, na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou seu curso superior em Direito, na Faculdade de Direito de Recife, e, em 1871, mudou-se para a cidade de São Paulo, onde deu continuidade aos seus estudos. Por ser escritor de manuais de leitura e educador, seu nome é reconhecido por pesquisadores da área de educação, mas, recentemente, foi redescoberto pelo campo da literatura como um dos precursores de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira.



Segundo Mortatti (*et al*, 2015), Köpke logo deixou a magistratura, pois seu talento com a educação foi reconhecido logo nas suas primeiras atividades como professor, motivo que o levou a se dedicar ao magistério, iniciando uma intensa atuação como educador. Em meio a esse contexto, receberam notoriedade a sua Escola Primária Neutralidade, fundada em 1884, e o Instituto Henrique Köpke, que recebeu o nome do seu pai, criado em 1886. A primeira situava-se na cidade de São Paulo, a segunda na do Rio de Janeiro.

Pertencente a um grupo de intelectuais que, além de defender a reforma social pela reforma da educação, empreendia experiências de escolarização apropriando-se dos referenciais norte-americanos, João Köpke atuou incansavelmente na difusão do método de ensino analítico da leitura, na abertura e na manutenção de escolas e, sobretudo, na definição e na criação de um novo campo pedagógico, alicerçado em um ensino intuitivo, científico, racional, misto, leigo e seriado. (PANIZZOLO, 2013, p. 4).

Romper com os tradicionalismos educacionais, de fato, era um objetivo firme no pensamento de Köpke. Sua fama como bom educador se espalhou e pessoas ilustres, como Rui Barbosa, confiaram a educação dos seus filhos à sua instituição, esta que era tida como uma escola padrão. Por motivos de divergências entre ele e seus sócios, João Köpke permaneceu como diretor e professor do Instituto Henrique Köpke apenas até 1897. Dedicou-se à pedagogia e à educação até aos 74 anos de idade, ocasião do seu falecimento.

O educador não se afastou da sua dedicação e da preocupação com a infância, permanecia atualizando sua obra didática, ao passo que também escrevia peças de teatro para o referido público, embasando-se em obras de escritores renomados como Andersen, os Irmãos Grimm e Perrault. A atenção que dispensava às crianças era perceptível. “Escreveu cartilhas e livros de leitura, peças de teatro e de programas de rádio e artigos em jornais e revistas, traduziu textos pedagógicos e histórias infantis, e foi conferencista, crítico e polemista”. (MORTATTI, *et al*, 2015, p. 65).

A produção de João Köpke começou em 1874, com o *Método racional e rápido para aprender a ler sem soletrar*, consistindo no trabalho com a silabação, este que foi deixado de lado para dar vez ao *Método analítico*, visando o ensino de leitura às crianças. Houve um consenso entre educadores da época de que os métodos analíticos de palavrção e sentencição eram mais eficazes do que os sintéticos, que se voltavam à soletração e à silabação. Às crianças deveria ser permitido compreender o todo pelas partes, portanto a segunda opção se tornava mais plausível.

De acordo com Panizzolo (2006), não havia no século XIX livros que servissem aos professores para ensinar leitura, o que os fazia usarem documentos velhos, cartas familiares, etc. para trabalharem com os pequenos. Os livros de leitura escritos por Köpke surgiram, então, para atender aos modelos de escola graduada dos fins deste século, embora ele não fosse o precursor dessa prática.

Ainda, segundo a autora, Köpke criou em 1884 um modelo de série graduada que fugia à elaboração dos livros de leitura anteriores. Tratava-se de escritos que compunham o *Curso sistemático da língua materna*, que foi denominada, posteriormente, *Coleção João Köpke* e, logo após, *Série Rangel Pestana*. A partir daí nasceram os *Livros de leituras morais e instrutivas*, contando com três volumes iniciais. O primeiro trazia lições advindas de poesias e textos em prosa; o segundo partia da mesma organização do anterior, mas lidando também com assuntos voltados



ao vocabulário, a adivinhações e a jograis e o terceiro seguia basicamente o formato do primeiro. Todos eles continham textos literários e eles eram a base de todo estudo. Havia, ainda, mais dois livros de leituras que seguiam uma vertente diferente dos primeiros.

O quarto e o quinto livros de leituras de João Köpke representam uma outra modalidade dos livros de leitura, equivalente ao *Modelo cultural das leituras literárias* proposto por Chartier e Hébrard (1995). Esses livros de leitura têm por ambição ofertar à escola primária a experiência já vivenciada na escola secundária, quer seja, a leitura de autores consagrados da literatura. (PANIZZOLO, 2006, p. 211).

As ideias e os sentimentos relacionados à Pátria e aos valores da República se faziam presentes nesses escritos, sob a tutela de um projeto cultural que enaltecesse os valores nos quais acreditava e convencesse os leitores de que esse era o melhor caminho a ser seguido. Valores como obediência, honradez, civilidade e caridade eram presentes nos trechos literários selecionados pelo autor, fossem da literatura brasileira ou portuguesa.

De preocupação didática, entretanto, voltados para o ensino primário, têm surgido, desde 1861, livros de grande repercussão no âmbito escolar, como, por exemplo, *O Livro do Povo*, de Antônio Marques Rodrigues; o *Método Abílio*, de Abílio César Rodrigues, Barão de Macaúbas; e *Série Instrutiva*, de Hilário Ribeiro. O regional na Literatura infantil foi apresentado por Thales Castanho de Andrade, com paisagens, hábitos e costumes brasileiros, a partir de 1890. A romancista Júlia Lopes de Almeida escreveu, em 1886, *Contos Infantis*, narrativas em verso e em prosa, de linha nacionalizante e didática. Francisca Júlia, poetisa paulista, publicou em 1899 *O Livro da infância*, adotado pela maioria das escolas oficiais. (CALDIN, 2001, p. 118).

Outra criação de Köpke foi *O Livro de Hilda*, escrito em 1902, que incide em uma cartilha produzida com o objetivo de se trabalhar a leitura através do método analítico, o que representa um bem material deixado por ele, visto que nunca foi encontrado em qualquer versão publicada, apenas no seu original, através da sua família. Já nas primeiras linhas pode-se constatar que as temáticas presentes na obra assinalavam para os ideais do Brasil República, ditando os modos como as crianças deveriam seguir.

Os temas versam sobre valores morais e éticos, como: honestidade, respeito aos mais velhos, obediência, caridade – valores esses socialmente reconhecidos. E destaca-se, principalmente, o valor da aprendizagem do ler e do escrever (pelo método intuitivo) no interior de um espaço de disputa com outros métodos vigentes na época [...]. (FERREIRA; SANTOS, 2014, p. 187).

O método analítico contrariava outros da época. Seguindo o que ele ditava, dentre outras coisas, os alunos deveriam ser confrontados com uma história e com seus personagens, para que pudessem se familiarizar com eles. Köpke indicava que o professor fizesse uma leitura oral em sala, de modo que a linguagem, o sentido, a sonoridade fossem apreciados. A partir daí é que viriam as lições, todas contextualizadas, sem elementos soltos e desprovidos de significação. O processo de ensino pelo conto poderia apresentar também gravuras correspondentes ao que estava sendo lido, de modo que a aprendizagem fosse favorecida. A leitura do mesmo deveria ser inteligente e expressiva, exigindo uma maior compreensão do leitor.



Das considerações e da “demonstração prática” sobressaem-se alguns princípios e conceitos que embasam o ponto de vista de Köpke. As sentenças formadas a partir da estampa devem ser curtas, para que todos seus elementos possam ser abarcados pela vista; a visão de todos esses elementos permite ler expressivamente, ou seja, relacioná-los na expressão do sentido; as “palavras concretas” devem preceder as “palavras abstractas ou de relação”; indutivamente, devem-se conduzir a comparação e a analogia entre forma fônica, já conhecida e depositária de sentido, e forma gráfica das ideias e, posteriormente, entre as formas gráficas. A escrita, portanto, equivale à “graphação” – “traçado consciente do signal” empregado como palavra, e não como letra – da ideia e representa a fala –, forma fônica da palavra, discriminada pelo ouvido; a leitura equivale à “emissão pela fala” da forma gráfica discriminada/reconhecida pela visão e representativa da forma fônica, o sentido conhecido; e aprender a ler equivale a um processo gradual de corporificação, na “intelligencia activa”, do som com o sinal. (MORTATTI, *et al*, 2015, p. 68).

Havia toda uma lógica sistematizada pelo Método analítico. Köpke recebeu críticas, mas nas conferências ou em outras ocasiões que se apresentassem, explicava todos os parâmetros que embasavam suas teorias, impedindo que o que fosse dito contrariamente encontrasse terreno fértil e se proliferasse no âmbito educacional. Não por coincidência ele foi tão respeitado à sua época. No entanto, nos dias atuais não possui a visibilidade merecida.

Para D’Avila (1969), Köpke era uma figura influente perante aqueles que foram educados por ele e chama de “extraordinária” a sua capacidade de escrever para o público infantil e adolescente. O autor prezava pela qualidade do ensino, de modo que não concebia as crianças como seres passivos, mas objetivava despertar nelas o interesse através da leitura, esta que deveria ser prazerosa sob o pretexto de não afastá-las do texto.

Os métodos do autor, certamente, influenciaram outros educadores da sua época, bem como do início do século XX. Ele pode ser visto como um precursor quando o assunto é leitura e escrita. Seus princípios caminhavam para o novo, para a formação dos educandos, visando viverem em uma nova sociedade, deixando para trás roupagens histórico-políticas antigas e se abrindo para o moderno.

Köpke é um homem da virada do século, que persistiu fazendo valer as suas teorias quando a escola não atendia a toda a população. Como educador, buscava meios de instituir mudanças plausíveis no ideário educacional, rechaçando aquilo que o mercado editorial oferecia à escola e esta, por conseguinte, distribuía às crianças. Corroborando com Ferreira (2016), o projeto de Köpke para a educação é baseado também na oralidade, enquanto a escola tradicional baseia-se predominantemente na escrita. Como foi dito acima, em seus livros ele incentivava os mestres a lerem contos em voz alta para, só assim, familiarizar os pequenos e lhes despertar o interesse pelo que estava sendo lido ou ensinado.

Concordando com Panizzolo (2006, p. 313), “João Köpke foi um pedagogista, um homem que dedicou parte significativa de sua vida à criação de teorias, práticas e instrumentos que fossem capazes de educar os cidadãos que um dia guiarão a República”. Ele expressou seu pensamento político-pedagógico em todas as esferas que lhe permitiam ecoar sua voz, fosse na imprensa, nas escolas, nas revistas, nas conferências que proferia ou em qualquer outro suporte. Via-se uma ideologia firme que permeava aquilo em que acreditava.



É lastimável que grande parte dos educadores brasileiros não conheçam a sua trajetória, pois ela certamente serviria para orientá-los no dia a dia da sala de aula, mostrando mecanismos de ensino-aprendizagem mais dinâmicos, quando observamos os seus métodos e o compromisso que eles tinham com a formação de alunos verdadeiramente proficientes em leitura e escrita. João Köpke, inegavelmente, contribuiu muito com a educação no Brasil República, assim como defendeu importantes práticas de leitura literária, valorizado o ensino de literatura na escola. Por isso produziu livros de leitura que foram fundamentais na escola brasileira do final do século XIX, bem como incentivou tantos outros escritores a publicarem Antologias e Seletas; e, talvez, foi nesse ínterim, que tenha lhe ocorrido rabiscar e compor um manuscrito que experimenta a poesia infantil.

Enfoques sobre o manuscrito *Versos para os pequeninos* no contexto da literatura infantil do século XIX

A produção literária infantil, assim como a adulta, está diretamente ligada às relações que o leitor estabelece com o meio em que vive. Nenhum escrito é neutro, tem finalidades que vão desde o contexto de produção, passando pela circulação, recepção, até chegar à utilização. Para Oliveira (2017, p. 12), “Este material destinado às crianças surge no Brasil intrinsecamente ligado ao ambiente educacional, desenvolvendo-se, em primeira estância, como recurso didático para a disseminação de valores vinculados à Primeira República brasileira”.

De acordo com Coelho (2000), as primeiras manifestações relacionadas à literatura infantil surgiram no século XVIII, quando as crianças passaram a ser vistas de acordo com a sua verdadeira condição: de meninos e meninas. Anteriormente, não havia uma literatura específica para esse público, elas participavam das rodas de conversa e da vida social adulta utilizando, dessa forma, a literatura dos mesmos. Essa foi uma grande conquista para o público infantil, que passou a ter produções destinadas a eles e com um olhar sensível às suas existências, mesmo que, inicialmente, tenha sido vinculada a questões de cunho pedagógico e exemplar.

Assim, temos conhecimento acerca de escritores responsáveis por produções de considerável valor, porém pouco (ou nada) citados na literatura infantil e juvenil, como é o caso de João Köpke, no Brasil. As contribuições desse autor para essa literatura agora estão mais em evidência, visto que sua obra manuscrita *Versos para os pequeninos*, produzida, possivelmente entre 1886 e 1897, guardada pela família do educador por mais de um século, foi estudada pela professora da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas, Norma Sandra de Almeida Ferreira. Digitalizado, o manuscrito foi publicado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, em versão online, em uma edição fac-similar, que preserva suas características originais (2017). Norma Ferreira sugere que a obra pode não ter sido publicada na época por destoar das propostas pedagógicas e da visão sobre a criança predominantes no final do século XIX, embora Köpke assumisse os seus ideais vinculados à República.

Diferentemente dos autores da época, João Köpke procurou, nesse manuscrito, não lidar tanto com a moral – embora contenha nele quatro poemas que vão por esse viés –, como por exemplo ensinar às crianças bons comportamentos, como serem educadas ou religiosas. Ele brinca com o conteúdo dos poemas, estes que têm uma disposição lúdica, invertida visualmente, que parece descrever o conteúdo das estampas que estão ao lado da escrita. A cada leitura, percebe-

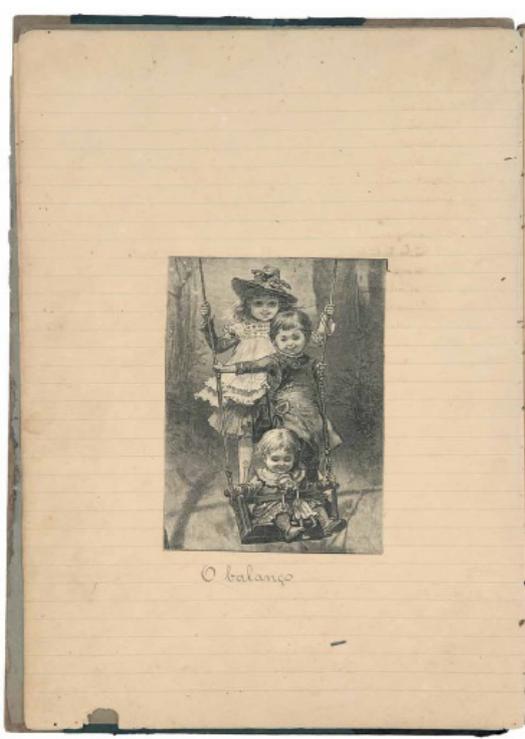


mos a relevância para a pesquisa, primeiramente pelo seu ineditismo, depois pela sua qualidade, ainda pouco explorada no campo da poesia infantil.

A obra em questão é organizada com 24 poemas e 24 estampas¹ – como o autor mesmo chamava – e se aproxima do que hoje nós conhecemos como poesia concreta, de caráter visual, que procura estruturar o texto escrito a partir do espaço disponível, sendo ele a página de um livro ou não, buscando a superação do verso como unidade rítmico-formal. As estampas estão ao lado dos poemas estão interligados, lado a lado, imagem e texto se apresentam ao leitor com o mesmo nível de importância, provocando uma relação que vai do texto para a imagem e da imagem para o texto. (FERREIRA, 2016, p. 170).

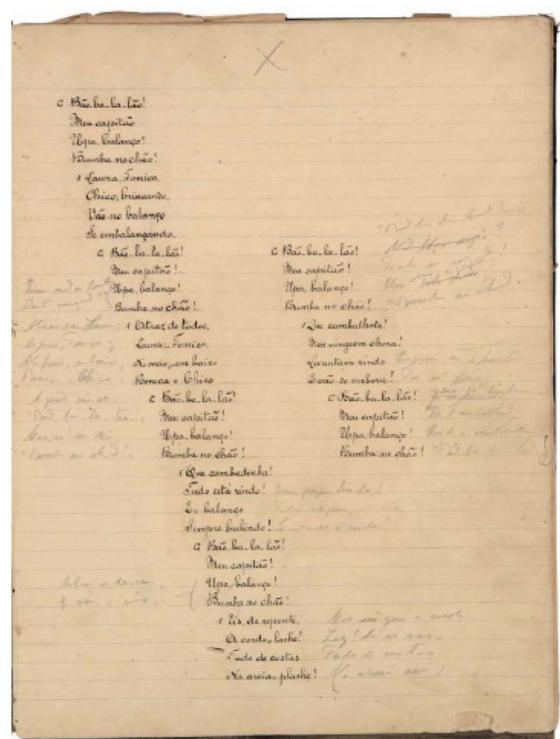
Nas figuras abaixo, podemos verificar um exemplo dessas estampas, seguida de um dos seus poemas. Nelas conseguimos observar crianças de pele clara brincando em um balanço, com roupas bem arrumadas, possivelmente seguindo o modelo europeu. Após, temos o poema que, se bem notado em sua estrutura, imita o movimento que acontece quando o balanço vai de lá para cá, na cadência da brincadeira. De fato, ambos – estampa e texto – se conversam e assim se sucede com os demais poemas: antecedidos por estampas e com apelos visuais.

Figura 1 – Estampa do poema “O balanço”



Fonte: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/03/kopke-facsimile.pdf>.
Acesso em: 15 de julho de 2019.

Figura 2 – Poema “O balanço”



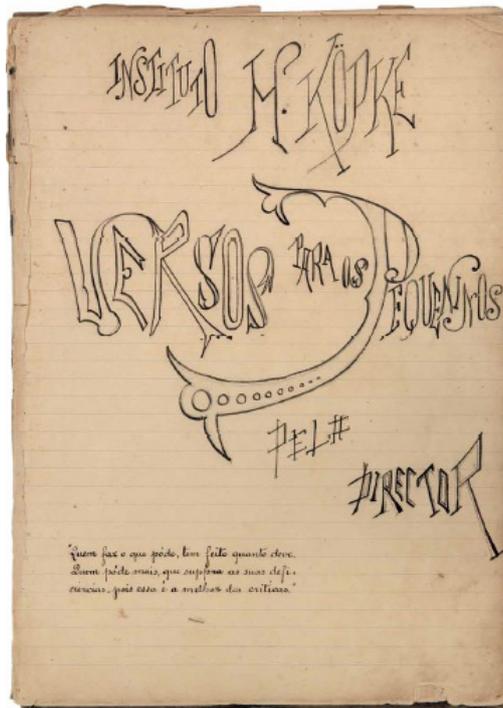
Fonte: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/03/kopke-facsimile.pdf>.
Acesso em: 15 de julho de 2019.

¹ Estampa é a denominação da época para ilustração, imagens que acompanhavam o texto verbal.



Já na capa (figura 3) o autor escreve o título em forma de objetos parecidos com uma espada, com fontes ora grandes, ora pequenas, que parecem ter pernas e caminham, além da palavra “pequeninos”, que diminui à medida que se encerra, provavelmente fazendo ligação à estatura das crianças. Há todo um trabalho com o traçado das letras, ao qual podemos atribuir uma preocupação estética do autor, como mostra a imagem que segue.

Figura 3 – Capa do manuscrito *Versos para os pequeninos*



Fonte: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/03/kopke-facsimile.pdf>.
Acesso em: 15 de julho de 2019.

Os poemas consistem no trabalho com histórias infantis que inspiram alegria, todos se dão em rimas simples, tratando dos avós, da lua, das brincadeiras comuns às crianças, dos brinquedos, dos animais, das canções, dentre outros, enfatizando a fruição e não a instrução e exemplaridade, comum à poesia infantil do século XIX. *Versos para os pequeninos* (2017), de forma mais incisiva do que em outras obras editadas, proporciona o contato com outro enfoque de João Köpke: a de um escritor que quer se aproximar da criança leitora através de uma representação diferenciada do universo infantil, questionando o conhecimento, a verdade que elas veem e a realidade.

No prefácio da versão online, Norma Ferreira (2017) faz explanações sobre as características da obra do autor, atentando para o fato de ela ter sido escrita há pelo menos 122 anos e apresentar uma linguagem que extrapola o nível discursivo e a estrutura formal, fazendo da escrita um exercício gráfico, estético e lúdico.

Vale destacar que os livros impressos de João Köpke são distintos destas páginas que trabalhamos, já que eles procuravam atender ao nicho escolar, ou seja, à demanda do mercado editorial, o que é compreensível, já que o autor ocupava uma posição importante nesse cenário.



Köpke era dono de uma criatividade considerável, tanto pelo viés da educação, quanto pelo da literatura infantil. Podemos afirmar que este escritor, há muito, merece um estudo com riqueza de detalhes acerca da sua produção literária, sobretudo dos *Versos para os pequeninos* que, como já citamos, foram escritos há mais de um século e só agora foram publicados como versão digitalizada, embora sem data escolhida para ser impresso.

Os temas que compõem a obra em questão são diversos. Muitos são voltados aos animais, como é o caso do poema “A garatarrada”, que veremos logo adiante, e que descreve alguns gatinhos e os seus costumes, bem como a insatisfação com a escola. Damo-nos conta de assuntos que podem ser bastante interessantes para os pequenos. Através dessa obra, a máxima de que se pode aprender brincando, embora ensinar, propriamente, não seja a primeira intenção da mesma, é uma realidade. As barreiras entre o real e o imaginário não são intransponíveis.

Prompto nos bancos
Para a lição,
Está dos gatos
O batalhão.

[...] Eis senão quando
Madama Gata
Entra na sala
Pata ante pata.

Trazendo à bocca
Estrafegado,
Um grande rato
Dependurado.

[...] Fecha-se o livro;
Cae o caderno;
Rolam tinteiros;
É um inferno!

[...] Todos, movidos
Como por molas,
Surgem. Nem querem
Saber da escola.

(KÖPKE, 2017, p. 87).

Para o referido autor, valia lidar com a fantasia, com o cotidiano infantil, com as brincadeiras e tudo o mais que estivesse ligado a esse universo, sem a obrigatoriedade com as responsabilidades que lhes eram atribuídas. A intenção dele nessa obra certamente não era formar ou modelar a criança de acordo com o que queriam os adultos que viveram no século XIX, pelo menos isso não saltava aos olhos como em suas obras anteriores. Como dissemos, apenas quatro, em um universo de vinte e quatro poemas desse manuscrito apresentam um conteúdo que pode ser visto como moralizante, sendo eles: “Dona Boneca” (p. 25); “Os Bonecos” (p. 13); “Filosofia” (p. 39) e “Os cordeirinhos (p. 17)”.



Parece que *Versos para os pequeninos* rompe, de certa forma, com essa perspectiva registrada pela história da literatura e dos livros escolares para crianças. Ele traz adaptações de conhecidas cantigas infantis populares que podem embalar, como parlendas, como é o caso, do poema “O balanço” (p. 5). Traz brincadeiras próprias do universo infantil, com trocadilhos e musicalidade, como por exemplo, “Andar de cavaleiro” em “Meu cavaleiro” (p. 43). Traz crianças que se recusam a obedecer ordens e, como em “A Lua”, decidem não brincar mais e mandam-na (...) “às batatas” (...). (p. 7). (FERREIRA, 2016, p. 61).

Para Camargo (2001, p. 88), a poesia infantil brasileira surgiu através da escola, visando principalmente a aprendizagem da língua portuguesa. Além disso, as composições em verso foram utilizadas como recurso didático para convalidar os valores ideológicos republicanos, seguindo um modelo moral e cívico. No entanto, não percebemos vestígios dessa prática no manuscrito estudado.

No trato com as crianças, no âmbito da oralidade, muitos de nós utilizamos palavras ditas “erradas” como uma forma de manifestar o carinho nutrido por aquelas, o que até hoje, ao que se pode notar, não fez com que nenhum desses pequenos pudesse adotá-las ao seu vocabulário. Utilizando-nos de uma relação simples e lógica, podemos também chegar a essa conclusão quanto à escrita. Essa fala “errada” nada mais é do que a representação da primeira infância, quando as crianças de fato não conseguem falar com clareza. Dizemos isso porque podemos encontrar várias construções pautadas na oralidade em *Versos para os pequeninos*, como acontece em “Ato Ílis”, em vez de “Arco-Íris”, “ti massada”, “fazeu”, “adola”; “ti bintá”, etc.

Na época de João Köpke, os livros para crianças, mesmo aqueles que reproduziam os contos populares e de tradição oral, eram reescritos no uso correto da modalidade escrita padrão. Köpke, em *Versos para os pequeninos*, rompe com esta visão. [...] ainda inova trazendo a música, a cantiga popular e a cultura oral para os poemas, com rimas simples, no gênero lírico, que nos fazem lembrar nossa literatura de cordel. Trata-se de um texto musicado, com refrãos, onomatopéias, trocadilhos, que sugerem um efeito sonoro, ritmo, melodia muito a gosto do universo infantil. (FERREIRA, 2016)².

Ainda, de acordo com Souza, Pinheiro e Garcia (2011):

A poesia oral nunca teve em nossa escola um espaço e uma abordagem adequada. Ela comparece sempre como folclore, jamais como um viés da cultura que se movimenta, se renova e nem sempre é anônima. Um dos gêneros da literatura oral mais apreciado pelas crianças é a adivinha. O repertório popular de adivinhas em verso é dos mais encantadores. Elas estão ligadas a determinadas vivências do homem com a terra, com o trabalho, com a cultura em geral. (pp. 52-53).

Desse modo, compreendemos que a presença da oralidade é um traço distintivo no manuscrito, uma vez que as produções do século XIX primavam pelo código escrito formal. Assim como associar esse estilo composicional às manifestações folclóricas como possibilidade de iniciação literária também é inovador.

² Entrevista concedida ao Jornal da Unicamp. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/05/23/joao-kopke-precursor-de-monteiro-lobato>. Acesso em 30 de setembro de 2016.



Quanto aos temas que podem permear o texto literário são muitos e, na poesia, como um todo não há limites para representar esse vasto temário. O que acontece é que, quando se trata da poesia infantil, muitas vezes nos deparamos com restrições que se dão devido ao destinatário, sejam em razão de imposições sociais, do período de maturação que a criança se encontra ou pelas exigências escolares. Köpke, com sua criatividade quanto à linguagem, inseriu nos *Versos para os pequeninos* formas e temáticas que vão ao encontro da subjetividade infantil. No poema “Conversas” podemos ver outra passagem que denota a brincadeira com os animais e o pouco gosto pela escola e seus conteúdos.

Ai, que figura que faço.
Metido n’esta colleira!
É menino, agora, Tigre,
E eu sou cão por brincadeira.

Quando fôres a passeio,
Eu irei te acompanhando,
A seguir te alegre os passos;
Alegre, o rabo abanando.

Dormirei na tua casa,
Lá no quintal, junto ao poço,
E tu me trarás biscoitos.
E, por vezes, um bom osso.

Irás, por teu lado, à escola,
Darás lição de leitura,
E aprenderás taboada,
Que tanto a paciência apura.

[...] (KÖPKE, 2017, p. 103).

Constatada a importância da leitura na infância, podemos ratificar que os conteúdos inseridos nessas leituras cooperam de modo significativo com o deleite, a fruição e a compreensão leitora das crianças. É esse o ponto. As poesias infantis de João Köpke levam a elas uma diversidade de temas oportunos às suas idades e, dentre eles, traz muitos aprendizados, inclusive para nós, adultos. Diante dessas afirmações, sabemos que o autor demonstra condições reais de ter sua obra estudada, já que, embora tenha escrito linhas qualificadas, não obteve o espaço devido na literatura infantil inserida nos âmbitos de pesquisa e difusão acadêmica.

Considerações finais

Conforme foi visto, a educação brasileira no período republicano possuía um forte caráter patriótico e moralizador. Era chegada a hora de produzir uma imagem benéfica do Brasil, um país que estava saindo de um regime imperial para começar a caminhar autonomamente, que visava construir sua própria história como nação, o que incidia em um sentimento de independência, de desprendimento que pairaram por muito tempo.



Consoante a isso, aos apelos educacionais da época, às crianças eram ensinados valores pátrios, de bom comportamento. Vários nomes de educadores atravessaram esse momento, como é o caso de João Köpke que, como vimos, obteve fama de bom educador, de criador de métodos diferenciados, que ensinassem o conteúdo sem afastar dele os alunos. Sua importância é mencionada, ainda hoje, em trabalhos acadêmicos que versam sobre a educação do século XIX, no entanto, após descoberta de Norma Ferreira (2017) sentimos falta de vê-lo emergir nas pesquisas ligadas à literatura infantil.

É interessante perceber através dos *Versos para os pequeninos* como as concepções educacionais do autor se uniram à literatura. De um lado havia o João Köpke preocupado em ensinar, em educar a criança para o mundo, para a sociedade republicana; do outro, havia talvez um pai, um avô, um admirador da infância tentando representá-la em sua obra da forma mais fiel possível, aproximando o leitor mirim dos seus escritos, permitindo-lhes vislumbrar a realidade que lhe permeia, ou pelo menos aquela que gostariam de vivenciar. Pode-se dizer que Köpke era um autor, escritor e educador de várias faces.

Com esse estudo almejamos empreender uma discussão acerca do processo educacional que permeou o século XIX, bem como da literatura infantil, com vistas à poesia, trazendo à tona o *modus operandi* dos educadores e a sua relação com o texto literário produzido naquele momento. Para isso, buscamos uma obra recém editada como forma de dar visibilidade à mesma, em um contexto em que os escritos infantis apresentam diversas formas de representação, sem necessariamente o intuito de educar, embora isso não seja um consenso integral entre pais, professores, autores e editoras.

Faz-se relevante o ato de conferirmos valor às obras que acrescentam à literatura como um todo, visando dar espaço a outros autores que não estejam inseridos no cânone, tirando-os do anonimato e conferindo-lhes a importância devida na historiografia literária. Mesmo passados mais de um século após a escrita de *Versos para os pequeninos*, o manuscrito se mostra inventivo, com temário diversificado, bem como com desenhos e ilustrações planejados, que dialogam com o texto verbal, este que, ainda, difere dos poemas do seu tempo, driblando, na maior parte das vezes, a pedagogização infantil. Além disso, o fato de estudar uma obra inédita, que sequer tem data para ser impressa, que só agora está sendo difundida, apresenta meios de dar embasamento para uma pesquisa relevante ao âmbito literário e acadêmico, motivo pelo qual nos dispusemos a empreender esse estudo.

Referências

CALDIN, C. F. **O bibliotecário, a criança e a literatura infantil**: algumas ponderações. Revista ACB, Florianópolis, v. 6, p. 111-128, 2001.

CAMARGO, L. **A poesia infantil no Brasil**. In: Revista de Crítica Literária Latinoamericana. Ano 27. n. 53. Lima - Hanover: 2001. pp. 87-94. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4531150>> Acesso em 6 de agosto de 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

D'ÁVILA, A. Literatura infanto-juvenil. São Paulo: Editora do Brasil. (Coleção didática do Brasil). 1969.



FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SANTOS, Maria Lygia Cardoso Köpke. **O Livro de Hilda (1902), a cartilha do método analítico, por João Köpke**. Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 25, p. 185-209, 2014.

FERREIRA, N. S. A. **Um estudo sobre os Versos para os pequeninos, de João Köpke**. Campinas: FAPESP/Mercado de Letras, 2017, 276 p.

_____. **João Köpke, precursor de Monteiro Lobato**: obra de escritor e educador é objeto de tese de livre docência. 23 de maio de 2017. Entrevista concedida ao Jornal da Unicamp. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/05/23/joao-kopke-precursor-de-monteiro-lobato>. Acesso em 30 de julho de 2019.

GONÇALVES, M. L. B. **Poesia infantil uma linguagem lúdica**. CILLIJ, Editora PUC – Rio Grande do Sul: 2008, p. 1-9. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/POESIA_INFANTIL_OK.pdf. Acesso em 21 de setembro de 2017.

KÖPKE, João. **Versos para os pequeninos**. Edição fac-similiar, Fapesp: 2017, 116 p. Organização: Norma Sandra de Almeida Ferreira. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/03/kopke-facsimile.pdf>.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. João Köpke (1852-1926) na história do ensino de leitura e escrita no Brasil. In: MORTATTI, MRL; BERTOLETTI, ENB; OLIVEIRA, FR; MELLO, MCO; TREVISAN, TA. (Org.). **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil**. 1ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015, v. 1, p. 59-76.

OLIVEIRA, Valnikson Viana. **As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em livro das crianças**. 2017. Dissertação: mestrado em Letras - Universidade Federal da Paraíba, 143 páginas. Orientadora: Daniela Segabinazi.

PANIZZOLO, Claudia. **A propagação dos modernos preceitos pedagógicos**: materiais, métodos e práticas nas escolas paulistas em fins do século XIX. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação – Circuitos e fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá-MT: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2013. v. 1. p. 1-15.

_____. **João Köpke e a escola republicana**: criador de leituras, escritor da modernidade. Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientação: Dra. Mirian Jorge Warde. São Paulo, 2006, 359 páginas.

SOUZA, R. J; PINHEIRO, J. H; GARCIA, Y. M. R. Lendo e brincando com sextilhas e outros versos. In: **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. SOUZA, R, J; FEBA, B. L. T; (Org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011, p. 49-74.

Recebido em: 28/08/2019

Aceito em: 22/10/2019